



Revista de História e Estudos Culturais

Janeiro - Junho de 2022

Vol. 19 Ano 19 n° 1

www.revistafenix.pro.br

ISSN 1807-6971



10.35355/revistafenix.v19i1.990

INSTITUIÇÕES ALEMÃS E TEUTO-BRASILEIRAS EM JUIZ DE FORA/MG: O ASSOCIATIVISMO EM QUESTÃO

GERMAN AND TEUTO-BRAZILIAN INSTITUTIONS IN JUIZ DE FORA/MG: THE ASSOCIATIVISM ISSUE

Jakeline Duque de Moraes Lisboa*

Faculdade Metodista Granbery



<https://orcid.org/0000-0002-0731-8359>

jaklisboa@yahoo.com.br

RESUMO: Este artigo tem como objetivo identificar e descrever o processo de formação e desenvolvimento de duas sociedades de cunho associativo que existiram na cidade de Juiz de Fora/MG: Sociedade Alemã de Beneficência de 1872 e Sociedade de Beneficência Brasileira-Alema de 1894. Percebemos através das fontes analisadas a importância destas sociedades para os imigrantes alemães, teuto-brasileiros e brasileiros não só para a assistência social mas também para a oportunidade de sociabilidade através dos diversos eventos realizados principalmente nos parques das cervejarias existentes.

PALAVRAS-CHAVE: Associativismo, instituições, imigrantes

ABSTRACT: This article aims to identify and describe the process of formation and development of two societies of an associative nature that existed in the city of Juiz de Fora / MG: German Beneficence Society of 1872 and German-Brazilian Beneficence Society of 1894. We perceive through the sources analyzed the importance of these societies for German, German-Brazilian and Brazilian immigrants not only for social assistance but also for the opportunity for sociability through the various events held mainly in the parks of the existing breweries.

KEYWORD: Associations, institutions, immigrants

* Doutorado em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente é docente da Rede Municipal de Ensino de Juiz de Fora/MG; Coordenadora e docente dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física da Faculdade Metodista Granbery.

INTRODUÇÃO

Pesquisas sobre o movimento associativo começaram a se destacar na década de 1990 com enfoque para o surgimento e desenvolvimento das atividades realizadas por mutuais, principalmente através dos trabalhos de Tânia Regina de Luca (1990) que analisou a presença de mutuais no estado de São Paulo a partir da década de 1890 até a década de 1920. Seu trabalho intitulado “O Sonho do Futuro Assegurado” tem sido utilizado como aporte para diversos autores desta temática.

Para essa autora, a cidade enquanto um espaço de conflito acabava por acionar mecanismos de solidariedade, dando surgimento neste contexto a uma rede de sociedades mutuais que tinham objetivos diferentes aos sindicatos. As mutuais possuíam sócios de diversos ramos, não sendo exclusivamente operárias, ocupando-se prioritariamente de socorrer seus associados em momentos de necessidade. Importante ressaltar que o mutualismo não deu origem e tampouco se confunde com o sindicalismo. Assim,



[...] ocupavam a lacuna deixada pela ausência de seguridade dos trabalhadores em caso de doenças, acidentes, aposentadoria e falecimento, concedendo, neste caso, pensão à família, embora tal prerrogativa fosse mais exceção do que regra. (GASPARETTO JUNIOR, 2014, p.75)

Essas associações surgiram em diversos estados¹ e “não se desenvolviam apenas em grandes centros urbanos (São Paulo, Santos e Rio de Janeiro²).” (FURNALETTO, 2007, p.67). Em Minas Gerais, elas surgiram dentro do processo de expansão do capitalismo, com a crescente produção cafeeira e produzindo nestas instituições formas organizativas e estratégias, sendo no caso das mutuais de imigrantes, principalmente de sobrevivência e em favor de um sentimento identitário na sociedade de adoção.

Nesse sentido, foram criadas formas associativas de diferentes categorias entre elas as de socorros mútuos, religiosas, educacionais e de lazer, características presentes nas associações criadas por imigrantes alemães na cidade de Juiz de Fora.

¹ A região sul do país, berço da imigração alemã no Brasil, possuiu diversas associações étnicas. De acordo com Adhemar Lourenço da Silva Junior (2005), o Rio Grande do Sul entre os anos de 1854-1940 possuiu cerca de 127 mutuais étnicas sendo a maioria pertencente aos italianos (66 mutuais) seguidos dos alemães (15 mutuais).

² Em pesquisa realizada no Arquivo Nacional, Ronaldo Pereira de Jesus (2007) encontrou oito tipos de associações beneficentes (mutuais) no Rio de Janeiro entre 1860-1889: irmandades; religiosas; literárias e de instrução; científicas; dramáticas, recreativas e desportivas; providenciárias e Montepios; seguradoras e cooperativas. Em relação às beneficentes foram encontradas cinco instituições.

Essa cultura associativa, conforme contribuições de Claudio Batalha (2005) comporta um duplo significado, no qual o primeiro de refere ao hábito de associar-se à tendência de conferir certa institucionalidade a formas de sociabilidade diversas; e o segundo se refere à cultura das associações com práticas e rituais que mostram como os membros das associações percebiam o mundo e a si mesmos.

Esse espírito associativo não surgiu quando esse grupo étnico germânico instalou-se no Brasil, pois já existia na Europa como lembra Manuel Diegues Júnior (1964). Sendo transplantado para o Brasil, assumiu uma nova função de reforço da identidade.

A cidade de Juiz de Fora, com a expansão cafeeira e investimentos surgidos em decorrência deste desenvolvimento, viu surgir um novo “Eldorado” e o imigrante alemão, que já estava em meados da década de 1870 instalado na cidade, exercendo diversas atividades seja como empreendedor ou como mão-de-obra mais qualificada, obteve um ambiente favorável ao desenvolvimento de suas atividades.

Era uma oportunidade, portanto, de produzir e vender bens como maquinários, tijolos, couros, roupas, bebidas, entre outros. Muitos estabelecimentos prosperaram e foram pioneiros nas suas áreas como é o caso do Curtume Krambeck, “o primeiro curtume industrial de couro do Brasil” (STEHLLING, 1979, p.402) fundado em 1881.

Esse contexto da cidade, nas décadas finais do século XIX, possibilitou um aumento da população urbana principalmente com a chegada de outros grupos de imigrantes, como os italianos, e com a inserção dos “despossuídos” conforme expressão utilizada por Oliveira (2010) ao ser referir aos trabalhadores livres e cativos. Segundo o autor, estes últimos foram cruciais também no “dimensionamento do mercado híbrido de mão-de-obra que entre as décadas de 1850 e 1880 se conformou de modo gradual no âmbito da cidade de Juiz de Fora”. (p.85)

De acordo com os dados a seguir ratificamos esse cenário de crescimento populacional com a inserção dos imigrantes, trabalhadores livres e ex-cativos num período de 35 anos. Segundo Oliveira (1991), a então Vila de Santo Antonio de Paraibuna, hoje Juiz de Fora, possuía em 1855 um total de 6.466 habitantes e mais tarde, segundo Esteves (1915), a população do Município de Juiz de Fora chegava a 17.622 habitantes.

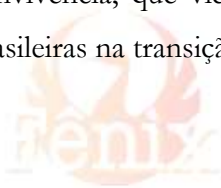
Para Claudia Maria Ribeiro Viscardi (2000), pesquisadora que ressalta a contribuição das mutuais para a expansão da cidadania, a criação de associações de socorro mútuo “expressa o fortalecimento dos elos de solidariedade intergrupar” (p.34), que cresceram por todo o país, principalmente nos centros urbanos.

Ao mesmo tempo que fortalece os laços, para João Massena (1901) sua presença demonstra certo desequilíbrio, fraqueza social, entretanto pode servir de medida de progresso numa direção negativa. Segundo ele, o aparecimento de uma associação

[...] representa e indica claramente uma necessidade não satisfeita, uma aspiração de progresso não realizado, um pedido de bem-estar que ainda não se conquistou. Significa, pois, em definitivo, um atraso a vencer, uma imperfeição a destruir (...). (p.10)

Existiram duas associações de socorros mútuos de origem alemã em Juiz de Fora: A *DeutscherKranken-Unterstützungs-Verein* (Sociedade Alemã de Socorros Mútuos) e a Sociedade de Beneficência Brasileira-Alemã. Na área educacional destacamos a Escola alemã³, fundada em 1861 e na área religiosa a *Frauenvereine* (hoje OASE-Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas) fundada em 1909 e na área religiosa ressaltamos a *Frauenvereine*⁴ (hoje OASE-Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas) fundada em 1909.

Destacamos também as cervejarias de imigrantes e teuto-brasileiros como possíveis espaços associativos, pois favoreceram o surgimento de espaços comuns de convivência, que vieram de encontro das expectativas da população de diversas cidades brasileiras na transição do século XIX para as décadas iniciais do século XX.



www.revistafenix.pro.br

Esses espaços tornaram a cidade mais viva culturalmente, pois passaram a representar para as pessoas novas formas de desfrutar das emoções, ativa ou passivamente, através das diversas práticas de diversão que puderam ser ali reunidas, contribuindo para formação de uma dinâmica social. Estes tipos de cervejaria, dotados de espaços associativos⁹ indiretos possibilitaram a construção de uma forma de sociabilidade, aliando a produção, o consumo e o divertimento em um mesmo local. (LISBOA, 2017, p.26)

SOCIEDADE ALEMÃ DE BENEFICÊNCIA

A primeira associação mutualista foi fundada em 1872, a *DeutscherKranken-Unterstützungs-Verein*, conhecida também por outros nomes como Sociedade de Socorros Mútuos, Sociedade Alemã de Juiz de Fora ou Sociedade Beneficente Mariano Procópio em diferentes momentos históricos por necessidades principalmente políticas.

³ A Escola Alemã foi um ambiente de instrução dos filhos dos imigrantes tanto sobre assuntos referentes à cultura alemã quanto à brasileira, visto que nos currículos estas estavam contempladas, finalizando suas atividades com a Segunda Guerra Mundial.

⁴ Fundada na Comunidade Evangélica de Confissão Luterana em Juiz de Fora onde senhoras evangélicas se reúnem até os dias de hoje com propósitos que vão desde a sua fundação: “angariar fundos e gerar recursos financeiros para diversas necessidades da nossa Comunidade.” (KAPPEL, 2002, p. 71).

A primeira diretoria foi formada em 26 de maio de 1872 pelos seguintes nomes: Augusto Kremer (Presidente); Nicolau Scoralick, Antonio Scoralick, Frederico Dose, Julio Waltermberg, João Hees, Valentin Mechler, Henrique Griese, Jacob Hees, George Becker e Henrique Locwenstein. (O PHAROL, 11/09/1911, p.9).

Infelizmente, a falta de registros históricos através de atas em decorrência da perda dos mesmos no período das guerras nos impossibilitou uma aproximação com esse processo de construção da memória própria sobre os períodos de atuação das diversas diretorias que atuaram no comando dessas instituições. Nesse sentido, os jornais, livros e estatutos e outros documentos nos auxiliaram nesta construção.

Para Nomelini (2007)

[...] o destaque da individualidade de determinado membro da diretoria poderia permitir a elaboração de uma memória sobre um período de atuação da associação em geral, refletindo a atuação dela, diferenciando-a de outras. O registro em ata, mais uma vez, permite a conexão entre os aspectos individuais/grupo dentro de uma organização de trabalhadores. (p.93)

Em documento produzido para o Jubileu dos 60 anos de fundação da *DeutscherKranken-Unterstützungs-Verein* de 1932, encontramos mais um nome, Francisco Rechner, constituindo, assim, um total de 13 fundadores. Nele há informações sobre a história da sociedade assim como ofícios que foram enviados por diversas autoridades e instituições felicitando a Sociedade Alemã pelo seu 60º aniversário. Tais documentos foram redigidos em alemão e português, demonstrando, assim, a forte presença do uso da língua alemã ainda neste período entre os associados.

Apesar das poucas informações encontradas a respeito dessa sociedade, é possível afirmar com base nas ocupações profissionais da primeira diretoria composta em 1872 que os imigrantes alemães já possuíam presença forte dentro do contexto da cidade, produzindo diferentes segmentos sociais até mesmo dentro do próprio grupo étnico.

Em relação à preocupação do reforço dos laços de fraternidade com a terra natal, houve uma preocupação dessa (re)criação da identidade alemã no Brasil, ao escolherem um nome em alemão para a sociedade, ou também através da escolha de um símbolo nacional como é o caso da Sociedade Italiana de Beneficência Umberto I que escolheu o nome de um rei, símbolo da unificação.

Esses imigrantes alemães que formaram a diretoria em 1872 vieram para Juiz de Fora contratados como artífices pela Companhia União e Indústria em 1856 e ou como colonos para a formação da Colônia D. Pedro II em 1858. Eram sócios que possuíam

condições sociais diferentes a de outros imigrantes, pois já estavam inseridos na zona urbana contribuindo para o desenvolvimento da cidade, haja vista que possuíam estabelecimentos comerciais e industriais como é o caso de Augusto Kremer dono da Cervejaria Kremer; Henrique Griese dono de armazém de secos e molhados, estes dois na Rua da Gratidão e Nicolau Scoralick, dono de açougue localizado no centro da cidade; ou, além disso, já possuíam certo prestígio social pelas suas especialidades profissionais.

Muitas mutuais eram dirigidas por pessoas aquinhoadas, que nem precisavam usufruir dos pequenos socorros oferecidos por elas. Estavam ali com o objetivo de reforçar seu status, de obter honrarias ou de realizar ações filantrópicas, uma vez que muitas delas, além de proverem socorros aos seus associados, ajudavam os necessitados delas excluídos. Coletas eram feitas entre os associados para socorrer aqueles que não pertenciam à mutual, mas demandavam algum tipo de socorro. (VISCARDI; GASPARETTO JUNIOR, 2011, p.213)

Patricia Gomes Furnaletto (2011) completa que

Aparentemente, a presença de um número significativo de membros ligados a atividades comerciais (pequenas e médias oficinas ou diversas profissões qualificadas) que compunham as diretorias destas sociedades encontrava nas relações diplomáticas estabelecidas com a elite local e na reconstrução e manutenção de um sentimento patriótico, objetivos mais desejados do que propriamente o benefício de mútuo socorro, compondo estratégias que demonstram o quanto eles eram componentes importantes na construção da pátria adotiva, sem com isso, deixar de alimentar a “preservação” de uma continuidade com o passado deixado na pátria distante. (p. 157)

A mudança na utilização do seu nome em alemão para Sociedade Alemã de Beneficência não ocorreu na primeira década de sua existência como nos indica os estudos de Gasparetto Junior (2014), haja vista que anos depois a sociedade ainda mantinha nos anúncios emitidos nos jornais o seu nome alemão abrigado, ou seja, Sociedade Beneficente de Socorros Mútuos.

Essa informação pode ser comprovada através da notícia publicada no *Jornal do Commercio* em 12 de junho de 1898, que convida em nome da Sociedade Alemã de Socorros Mútuos a sociedade juizforana para um evento a ser realizado na Cervejaria José Weiss em benefício dos cofres da sociedade contando com a realização de diversas atividades comuns nos eventos realizados pela sociedade como fogos de artifício, leilão de prendas e baile.

Além do *Jornal do Commercio*, a sociedade se comunicava com seus sócios pelo jornal *O Pharol*, outro importante veículo de acesso ao cotidiano da cidade e fatos do Brasil e do mundo. Em pesquisa realizada nesses jornais, a respeito dessa associação alemã,

deparamo-nos apenas com uma notícia na qual foi utilizada o nome da associação em língua vernácula publicada no *Jornal do Commercio* de 22 de dezembro de 1897.

É um tipo de notícia presente nos jornais no final nas décadas finais do século XIX na qual a sociedade solicitava aos profissionais (médicos e farmacêuticos) que haviam atendido algum associado para que fossem receber os valores em débito da sociedade.

Essa não era uma característica típica de outras sociedades congêneres, como as de origem italiana, pois estas escreviam os informativos ora em português ora em italiano, o que não aconteceu com os alemães. Mesmo que maioria dos associados pertencesse a este grupo étnico e falassem o alemão, podemos inferir que a Sociedade Alemã, ao não utilizar nas notícias a língua alemã, estava de certa maneira buscando uma afirmação de identidade, assim como uma legitimação social e representatividade perante a sociedade juizforana.

A Sociedade de uma forma geral apresentava alguns fatores limitantes na participação de qualquer interessado enquanto associado. Dentre estes destacamos o uso da língua alemã (um distintivo para outros grupos interessados) que acabava por excluir os não-alemães e a exigência de um valor mensal de contribuição.

Ao se associar, era necessário também adquirir o diploma de sócio que funcionava como um distintivo dentro da sociedade de acordo com a categoria que se enquadrava enquanto sócio (benemérito, honorário, efetivo), além de reforçar a participação na sociedade. Os primeiros diplomas foram impressos em alemão e fazendo uma análise destes notamos uma relação próxima entre as duas nações por parte dos imigrantes aos escolherem os ramos de café que simbolizavam “o ouro verde” do Brasil e os ramos de carvalho, um dos símbolos de referência à Alemanha envolvendo todo o diploma. Ao fundo a cruz que simbolizava um dos objetivos da sociedade de beneficência: a ajuda, semelhante ao emblema da Cruz Vermelha.

Figura 1. Diploma da Deutscher Kranken-Unterstützungs-Verein-1903.

Fonte: arquivo particular - DEL DUCA, Salcio

Com o passar dos anos dificuldades foram surgindo na manutenção das atividades da associação, talvez justificadas pelo número de associados em detrimento às necessidades diárias. Essa deficiência que era de caráter orçamentário chegou a somar 1:800\$000 em 1892 e para tanto foi proposto em assembleia geral a suspensão provisória dos benefícios. Com a insatisfação de parte de seus associados com o andamento das atividades, estes resolveram fundar outra sociedade com os mesmos propósitos em 1894, ficando o quadro de associados com apenas 14 sócios e assumindo a presidência Francisco Rechner. (STEHLLING, 1979)

A data apresentada pelo autor acima para se referir a intenção de dissolução por parte de alguns associados insatisfeitos não confere com notícia que foi publicada por Francisco Rechner, então presidente da Sociedade em 1886. Segundo notícia de 21 de janeiro de 1886 do jornal *O Pharol*, esta intenção foi decidida em assembleia realizada em 17 de janeiro do mesmo ano pelo fato da sociedade estar em débito de 1:880.

Ainda no jornal, Francisco Rechner expõe que só havia aceitado a presidência por ser esta a condição apresentada pelos sócios para a continuação dos mesmos na sociedade. Assim, apenas oito anos depois que foi organizada outra associação composta de parte de ex- associados, que foi denominada Sociedade de Beneficência Brasileira-Alemã.

Por outro lado, pertencer a uma associação e principalmente compor sua diretoria trazia ao associado, mesmo este não recebendo remuneração, benefícios sociais, elevando assim seu status e destaque aos empreendimentos aos quais alguns eram donos. Essa posição dentro da sociedade era possível apenas àqueles que possuíam melhores condições de vida, pois necessitaria de tempo disponível para a administração das atividades e ao

trabalhador comum que gastava a maior parte de seu tempo diário nas fábricas esse papel não era possível de ser assumido.

Nas palavras de Luis Eduardo de Oliveira (2010), eram “os membros mais bem situados na escala social, em geral negociantes, donos de fábricas e oficinas, profissionais liberais, literatos, funcionários públicos, políticos e proprietários urbanos e rurais.” (p.303)

Identificamos que os mesmos nomes se mantinham por um período maior nas diretorias e/ou participavam de outras comissões de instituições na cidade, como é o caso de Francisco Rechner, secretário e membro da comissão da Capela de Nossa Senhora da Glória para os festejos do 25º aniversário da ex-Colônia D. Pedro II (O PHAROL, 14/07/1883, p.2). Este mesmo associado possuía um comércio, casa de secos e molhados junto com Jacob Hees, formando a firma Rechner e Companhia. (O PHAROL, 13/05/1887, p.3)

Infelizmente como muitos documentos foram perdidos principalmente em decorrência das guerras, não foi possível o preenchimento de todas as diretorias. Abaixo segue quadro dos diretores da Sociedade identificados nas fontes disponíveis.

Quadro 1⁵- Diretores da Sociedade Alemã de Beneficência⁶

Ano	Presidente
1872	Augusto Kremer
1884/1886/1888/1891/1894	Francisco Rechner
1897	Antonio Scoralick
1898	Christiano Griese
1900/1902	Augusto Degwert
1906	Valentim Dilly
1911	Augusto Kremer
1915/1916/1917/1918	Eduardo Weiss
1922/1933	Valentim Dilly
1942	Valentin Dilly II

Fonte: O Pharol, Estatuto da Sociedade Alemã de Beneficência (1942)

A relação entre os imigrantes alemães com a Alemanha se tornou ainda mais sólida e próxima com a vinda do Vice-Consulado Alemão, instalado na Província de Ouro

⁵ Quadro organizado pela autora.

⁶ Augusto Kremer: dono de fábrica de cerveja; Valentin Dilly: Presidente do Clube de Futebol da Companhia Industrial Mineira (1919); Eduardo Weiss, filho de José Weiss, dono de cervejaria. (Fonte: O Pharol); Augusto Degwert: dono da fábrica da mecânica Chave de Ouro e fábrica de balas A Suíça (STEHLLING, 1979)

Preto após a Proclamação da República (GASPARETTO JUNIOR, 2011), para a cidade de Juiz de Fora motivada por ser esta a cidade que possuía um grande grupo de imigrantes desta nacionalidade se compararmos com outras cidades mineiras. Esse fato permitiu maior manutenção dos laços, sejam eles políticos ou fraternos, que acabou também por recriar “nova identidade alemã,” possibilitando novas experiências em um lugar bem longe do continente europeu, o Brasil.

Mesmo antes da chegada do vice-consulado a Juiz de Fora, os imigrantes já realizavam diversas ações culturais semelhantes àquelas que faziam em seu país, mas a presença de um vice-cônsul, que representaria todo um grupo étnico e que se tornaria um elo entre Brasil-Alemanha, fez com que os imigrantes se sentissem mais próximos e acolhidos por sua terra natal.

Faltam-nos informações mais detalhadas a respeito das atividades desse órgão na cidade, principalmente porque encontramos divergências nas referências utilizadas sobre esse assunto. Uma das principais obras que é o livro escrito por Luiz José Stehling (1979), fornece-nos informações sem referências a fontes utilizadas o que dificulta nossa compreensão a respeito do trabalho desse vice-consulado na cidade.

Para o autor, este surgiu após o ano de 1889 em Ouro Preto e foi transferido para Juiz de Fora em 1904 sendo nomeado o alemão George Francisco Grande que já estava na cidade desde 1877. Esse imigrante exerceu trabalhos relacionados ao comércio e indústria, além de assumir a função de Juiz de Paz (O PHAROL, 4/05/1888, p.1)

As datas acima descritas por Stehling (1979) são díspares àquelas encontradas no jornal *O Pharol*. Em evento realizado pela Escola de Santa Catarina, George Grande é um dos convidados presentes sendo este descrito como agente consular da Alemanha. (O PHAROL, 23/12/1900). No mesmo jornal, novamente George Grande é referenciado como vice-cônsul da Alemanha. (13/12/1901). Com base nos dados apresentados, acreditamos que o vice-consulado pode ter sido instalado em data anterior à apresentada por Stehling (1979) que é 1904.

Essa insatisfação pelo fato do vice-consulado estar outra cidade e não em Juiz de Fora é colocada em notícia no jornal, quando foi nomeado para vice-cônsul Bruno Von Sperling em 1888. Esse descontentamento agravou-se ainda mais, pois os grupos étnicos português e italiano já possuíam agentes consulares na cidade de Juiz de Fora. Em escrita direcionada ao redator do jornal escreveu uma pessoa sem identificação a respeito desse fato:

(...) pergunto qual a utilidade deste vice-consulado em Ouro Preto, onde não existem cidadãos da nacionalidade allemã, deixando de nomear uma pessoa edonea no Juiz de Fóra, logar de uma colonia a muito numerosa, de mais de 2.000 pessoas, cujos interesses de certo o encarregado não póde zelar em tão grande distancia como muitos casos urgentes e repentinos. (...) existirem em Juiz de Fóra alemães que já deram provas inequívocas de dedicar-se aos interesses de seus compatriotas, residentes neste logar, todas as vezes que lhes foi pedido seus concurso e auxilio. (O PHAROL, 29/06/1888, p.2)

A importância desse vice-consulado por ser confirmado pelas presenças de alguns cônsules que visitaram a cidade como o cônsul geral da Alemanha, G. Fraytag, (O Pharol, 04/10/1906) e o representante da Magestade Guilherme II no Brasil, Barão von Norderflyckul. (O Pharol, 22/07/1909)

Induzimos que a presença do Vice-Consulado Alemão⁷ juntamente com as associações étnicas permitiram a afirmação e (re)construção da identidade alemã, trazendo aos imigrantes um novo sentido de pertencimento. Nesse ínterim, destacamos as festividades que eram realizadas em referências a datas comemorativas da Alemanha, produzindo assim novas sociabilidades, visto que eram eventos que recebiam também a presença de instituições de outros grupos étnicos e nacionais, assim como recebiam a presença das instituições alemãs.

Seguem algumas notícias relacionadas a esses eventos ritualísticos e simbólicos da “colônia alemã”:

Por motivo do anniversario natalício de S.M. Guilherme II, o imperador da Allemanha, o sr. George Grande, vice-consul alemão, nesta cidade, dará amanhã uma recepção no vice-consulado das 12 às 2h das tarde. (O PHAROL, 26/01/1907, p.1)

Celebrou-se hontem o 55º anniversario natalício do rei da Prússia e imperador da Allemanha, Guilherme II. Levamos á distincta e laboriosa colônia allemã aqui domiciliada, representada pelo seu digno vice-consul, sr. George Grande, nossas saudações pelo fanatoso dia. (O PHAROL, 28/01/1914, p.1)

Nos diversos eventos que a Sociedade Alemã participava além de procurar legitimar cada vez mais seu papel frente à sociedade com sua presença, era acompanhada de um elemento simbólico, o estandarte que reforçava ainda mais esse objetivo. O primeiro deles foi confeccionado na Alemanha em 1895, bordado em ouro, e em 1896 foi apresentado em cerimônia à sociedade juizforana. (STEHLLING, 1979)

⁷ O vice-consulado alemão foi fechado em 1917, tendo o vice-cônsul se retirado da cidade. No edifício do vice-consulado foram retirados a bandeira e escudo alemães. (O PHAROL, 13/04/1917).

Outro estandarte foi inaugurado em 21 de outubro de 1906 em cerimônia na Cervejaria Weiss sendo realizado um ritual de colocação de pregos do novo estandarte, sendo convidadas diversas instituições da cidade como Sociedade Beneficente de Juiz de Fora⁸, Sociedade Beneficente Umberto I⁹, Real Sociedade Auxiliadora Portuguesa¹⁰ e personalidades políticas e religiosas. A descrição desse estandarte foi feita no jornal *O Pharol* conforme abaixo:

O bellissimo estandarte inaugurado é todo de sêda e velludo, todo bordado a outro e sêda, tem as cores amarelo e verde, branco, vermelho e preto sendo as suas primeiras as predominantes. É encimado pelas armas D'Allemanha ladeados pelas datas 187201906. Ao centro vê se o escudo brasileiro com a seguinte inscrição: República Brasileira-15 de novembro de 1889. Em bellissimo bordado tem a seguintes palavras: *Juiz de Fora-Kranken-UnterstützungsVerein-Edel-seiderMenschkeilfreichundgut.* (25/10/1906, p.2)

Segue fotografia que representa a diretoria dessa Sociedade no dia da inauguração do estandarte acima descrito. Percebe-se que sua disposição é destacada ao se localizar centralmente e acima da diretoria, ratificando, assim, sua importância para a instituição, construindo uma representatividade perante os associados. Esse registro representa também um fator de distinção social até mesmo entre os sócios e foi registrada no evento de sua inauguração na Cervejaria José Weiss. As pessoas que compunham a diretoria utilizavam em suas roupas nos momentos festivos pequenas “condecorações” que os distinguiam dos demais associados como faixas e broches.

⁸ Fundada em 15 de março de 1885, era composta de número ilimitado de sócios de todas as nacionalidades que tinha por fim socorrer seus associados enfermos ou impossibilitados de trabalhar, socorrer suas famílias depois do falecimento do sócio, concorrer para o funeral do sócio quando reconhecidamente pobre, contribuir na ajuda de transporte para a capital do Império quando for necessário. (O PHAROL, 05/05/1885, p.2-3).

⁹ A Sociedade Italiana de Beneficência e Mútuo Socorro Umberto I, fundada em 1887 tinha também como proposta prestar auxílio aos seus associados que tinham direitos de receber tratamentos médicos e farmacêuticos, pensões e auxílio funeral. (GASPARETTO JUNIOR, 2014).

¹⁰ Foi a mais importante associação mutualista representativa da colônia portuguesa fundada em 1891 e que tinha por objetivo a prática da caridade e assistência sociais aos portugueses da cidade. (VISCARDI, 2000).

Figura 2. Diretoria¹¹ da Sociedade Alemã de Beneficência em 1906



Fonte: Gasparetto Junior, (2014)

A organização desses símbolos como diploma, estandartes, bandeira foram rapidamente pensadas, executadas e trouxeram uma tradição em comum às diversas entidades congêneres, e “que encontrava na sua organização um espaço de formalização de estratégias para conseguir uma posição social cada vez mais solidificada.” (FURNALETTO, 2011, p.118)

Diferentemente de outras sociedade de socorros mútuos na cidade, não foi possível identificar fotografias que comprovassem a existência de uma sede própria da Associação Alemã de Socorros Mútuos. Há alguns registros que identificam suas atividades administrativas sendo realizadas na Cervejaria José Weiss localizada na Rua Bernardo Mascarenhas, local onde ocorria grande parte de suas atividades para angariar fundos.

Em contrapartida, em notícia no jornal *O Pharol* (01/01/1908, p.1), encontramos um requerimento de Augusto Degwert, em nome da Sociedade Alemã, solicitando à câmara municipal uma concessão a título gratuito de uma pena de água para o prédio da mesma sociedade situado na rua Bernardo Mascarenhas assim como de outra sociedade, a Sociedade de Beneficência Brasileira-Alemã. Ficam dúvidas se naquele momento as duas sedes localizavam-se na mesma rua ou se a solicitação era para algum predio existente no

¹¹ A diretoria foi composta por: Valentim Dilly (Presidente), Max Engel (Vice-Presidente), Felipe Griese (Secretário), Felipe Kaeler (Thesoureiro). (*O PHAROL*, 25/10/1906, p.2)

espaço da Cervejaria Weiss e que abrigava a Sociedade Alemã. Não obstante, a existência dessa sede também é confirmada em notícia publicada no mesmo jornal no ano de 1911.

Possuir um espaço próprio trazia uma representação social positiva, fortalecendo ainda mais a sociedade, mas não foi possível afirmar com base em documentos primários a existência de uma sede própria como apresentou as sociedades de origem portuguesa e italiana na cidade, que até os dias atuais possuem sedes próprias, locais de referência para a sociedade.

Nesse mesmo ano, em 1911, a sociedade possuía 200 sócios, de ambos os sexos, onde poderiam participar pessoas que falassem o idioma alemão. (O PHAROL, 11/09/1911, p.9). Quer dizer que, mesmo após 63 anos da chegada do maior grupo de imigrantes alemães à cidade de Juiz de Fora, a língua alemã ainda permanecia viva dentro desse grupo, sendo um fator de impedimento a outros associados.

Assim como aconteceu com outras instituições de origem alemã, foi necessária a mudança de seu nome no período da Primeira Guerra Mundial, tornando-se a Sociedade Beneficência Mariano Procópio (STEHLLING, 1979; GASPARETTO JUNIOR, 2014), em homenagem àquele responsável pela vinda desse grupo étnico para a cidade¹². Mas para manter a relação com sua terra natal, aos associados foram entregues dois diplomas, um em alemão e outro em português.

Além dessa questão, como forma de manter a identificação das atividades realizadas por esta sociedade em período pretérito, encontramos ainda a manutenção da utilização do nome Sociedade Alemã de Beneficência (O PHAROL (23/05/1922, p.1). Após a guerra, esse sentimento de ser alemão foi também intensificado e a sociedade se reergueu e seguiu com seus objetivos.

O nome Sociedade de Beneficência Mariano Procópio pode até ter sido o nome utilizado pós-guerra, mas o que percebemos é que após esse período belicoso, a sociedade retornou ao seu nome original brasileiro ou até mesmo em alemão (*DeutscherKranken-Unterstützungs-Verein*) como observamos em documento produzido em comemoração ao jubileu de 60 anos da instituição.

¹² Mariano Procópio Ferreira Lage nasceu em Barbacena, Minas Gerais, no dia 23 de junho de 1821. Desde criança, manifestou interesse por ciências e novas tecnologias. Com o apoio do pai, Mariano José Ferreira Armond, foi à Europa para complementar os estudos. Depois aos EUA, onde conheceu o processo de pavimentação do leito de estradas e a cobrança de pedágios, interessando-se também por ferrovias. De volta ao Brasil, idealiza e constrói a Estrada de Rodagem União e Indústria, ligando Rio a Minas. A nova estrada impulsionou a economia das duas regiões e, conseqüentemente, do próprio Império. Recebeu de D. Pedro II o título de barão que transferiu à sua mãe, Dona Maria José Ferreira Lage. Mariano Procópio faleceu no dia 14 de fevereiro de 1872, aos 51 anos de idade. (LISBOA, 2010, p.29)

De acordo com a Revista do Jubileu dos 60 anos de fundação da sociedade, a sede da sociedade havia se mudado da Rua Bernardo Mascarenhas e estava localizada naquele momento na Rua D. Pedro II. De acordo com os dados, percebemos que houve, ao longo do tempo, espaços diferentes sendo utilizados como sede da mesma.

O mesmo documento que foi escrito em alemão e português como já mencionamos descreve as atuais condições da sociedade no ano de 1932, com uma festividade realizada nos dias 21 e 22 de maio na sede da sociedade e no bosque da Cervejaria Americana (antiga Cervejaria Kremer e depois Germânia) respectivamente. Esse evento foi publicado nos diversos jornais e revistas da cidade (O Lince, Jornal do Commercio, Diário Mercantil, Correio De Minas) e o jornal alemão *Deutsche-Rio Zeitung* do Rio de Janeiro.

De acordo com *Jornal do Commercio* (24/05/1932), compareceram às festividades comemorativas na sessão solene do dia 21 de maio o conselheiro do ministro alemão *Huppert Knipping*, vários diplomatas estrangeiros, altas autoridades brasileiras, jornalistas, clero e famílias. Com a orquestra, foram cantados os hinos alemão e brasileiro. Já no dia 22 de maio, na Cervejaria Americana foram oferecidas diversões de tiro ao alvo, gangorras, brinquedos para crianças e música.

O nome Sociedade de Beneficência Mariano Procópio ganhava importância entre os associados com o início da Segunda Guerra Mundial, pela necessidade de afastamento com as origens alemãs, consequência também do Decreto-Lei nº 383, de 18 de abril de 1938, que vetou diversas ações de estrangeiros no país. “Embora esse decreto tenha representado um golpe fatal no fluxo de criação dessas sociedades, a permanência de algumas com outros nomes permitiu a sobrevivência de certos contratos sociais e memórias dos fundadores (...).” (FURNALETTO, 2011, p.70-71)

No estatuto de 1942, da então Sociedade de Beneficência Mariano Procópio são mantidos os mesmos objetivos de outrora da sociedade, de prestação de auxílio aos seus associados. Divididos em quatro classes de sócios (contribuintes, remidos, beneméritos e honorários, com idades entre 18 anos e 50 anos, de ambos os sexos. Dentre os direitos e deveres do sócio ainda encontramos o pagamento da importância de Cr\$2,00 (dois cruzeiros) para a aquisição do diploma, além de pagar a joia de admissão e mensalidades adiantadas. A diretoria de acordo com esse documento era eleita a cada dois anos sendo formada por onze associados.

Após a guerra, ficou cada vez mais difícil a manutenção da sociedade, pois além da questão política e das questões sociais, surgiram diversas leis trabalhistas na década de

1930, período de intensa intervenção estatal na regulamentação das condições de trabalho e que contribuíram também para a dificuldade da sociedade em manter seus objetivos. Essa mesmo após a promulgação dessas leis manteve ainda suas atividades por um longo período finalizando em 1961, em assembleia geral realizada no dia 16 de abril no salão da cervejaria José Weiss. (STEHLLING, 1979)

SOCIEDADE DE BENEFICÊNCIA BRASILEIRA-ALEMÃ

Escrever sobre essa sociedade é um pouco desafiador, pois assim como aconteceu com a Sociedade Alemã de Socorros Mútuos, seus arquivos se perderam principalmente devidos às duas guerras mundiais. Hoje temos algumas informações que estão presentes nas pesquisas de José Luiz Stehling (1979) e Antonio Gasparetto Junior (2014), mas que não foram trabalhadas de forma aprofundada por também não serem esses os objetivos principais dos pesquisadores em questão.

Essa sociedade foi fundada no dia 26 de janeiro de 1894, no salão da Cervejaria José Weiss por associados dissidentes da Sociedade Alemã de Socorros Mútuos. (ESTATUTO, 1895). Ao lermos estas palavras temos a impressão de que essa sociedade foi fundada logo após o desligamento dos associados da Sociedade Alemã de Socorros Mútuos, fato este que não ocorreu. Como já foi mencionado, somente após oito anos que a fundação da nova sociedade se concretizou com base na notícia publicada no jornal *O Pharol* (21/01/1886, p.2), escrita por Francisco Rechner que confirma essa “dissolução”.

Instalada inicialmente em uma sala na Rua do Imperador foi decidida em assembleia geral a formação de uma diretoria formada por 10 associados. Estes possuíam boas condições sociais, sendo industriais, comerciantes, empreendedores ou profissionais liberais. Segue nomes dos diretores da Sociedade.

Quadro 2¹³. Diretores da Sociedade de Beneficência Brasileira-Alemã

1894	Pedro Nicolau Scoralick
1904	Daniel Pinto Correa Sobrinho
1907	Ambrosio Vieira Braga
1908	Manoel Evangelista dos Santos
1909/1910	José de Campos Seraphino
1911/1912/1913	José Weiss
1914	Daniel Pinto Correa Sobrinho

¹³ Quadro organizado pela autora

Fonte: O Pharol; Diploma (1914)

Os propósitos de Sociedade são semelhantes àqueles apresentados pela Sociedade Alemã. De acordo com o estatuto de 1895, citamos alguns deles:

- § 1. Socorrer os seus socios ou socias, quando por enfermos ou inválidos fiquem impossibilitados de trabalhar (não se responsabilizando por partos).
- § 2. Concorrer para funeral dos associados que falecerem em estado de pobreza.
- § 3. Socorrer com uma pensão as viúvas ou filhos menores legítimos ou legitimados dos associados que falecerem. (ESTATUTO, 1895, p.3)

Nota-se que essa sociedade era também aberta a todos os interessados sem qualquer distinção e que pelo fato de constar primeiramente o termo Brasileira e não Alemã em seu nome nos traz indícios de que esta sociedade tinha como objetivos além dos já citados, também de agregar mais associados, sem distinção de nacionalidade, trazendo assim brasileiros para a instituição.

Para admissão como sócio era necessária a apresentação da proposta por outro associado, podendo este ser aprovado ou não como membro da instituição, pois isto dependeria de análise por parte da diretoria do seu “histórico pessoal”. Grande valor e importância eram dados ao fato do sócio estar trabalhando, exercendo ocupação honesta e não ter tido problemas de conduta, além de não possuir “defeito physico nem moléstia chronica ou incurável.” (ESTATUTO, 1895, p.4).

O ato de trabalhar torna-se uma das mais importantes obrigações morais e sociais dos indivíduos, e a preocupação com o ócio e a desordem estava presente nas discussões das classes dominantes, sendo necessário nesse sentido educar o indivíduo, principalmente o pobre, para o trabalho, num esforço de difusão e uma nova ética do trabalho.

De fato, entre os anos de 1880 e 1890, concomitantemente com a intensificação do processo de modernização conservadora local e em função do adensamento da pobreza urbana, as elites agrárias e mercantis-manufatureiras de Juiz de Fora, desencadearam uma série de ações e medidas com objetivos de manter o mundos do trabalho e dos trabalhadores ordenados sob sua hegemonia. (OLIVEIRA, 2010, p. 32)

Notamos uma preocupação com as condutas sociais apresentadas pelos associados, pois cabia a eles a manutenção da ordem e apresentação de “bons costumes”. (ESTATUTO, 1902, p.4).

Constituindo parte da receita da sociedade temos os valores obtidos com mensalidades assim como também dos diplomas que eram conferidos aos associados. Abaixo segue um destes diplomas concedidos ao sócio Agostinho Ribeiro no ano de 1914, o único até então divulgado, pois não é encontrado em nenhuma obra que trata desse assunto em Juiz de Fora ou até mesmo no Brasil. Nele, observamos o destaque dado à imagem da sede e sua ornamentação arquitetônica.

Figura 3. Diploma de associado da Sociedade de Beneficência Brasileira-Alemã-1914



Fonte: Arquivo Particular- Del Duca, Salcio

Além da arrecadação com mensalidades e diplomas, como parte da programação anual da Sociedade, estavam diversas atividades com objetivos de arrecadar também fundos para os cofres e assim atender aos necessitados ou até mesmo para a construção de sua sede social própria. Foram realizados eventos como quermesses, leilões de prendas, tombolas, bailes, torneios de jogo da bola, tiro ao alvo, críquete, queima de fogos, corridas a pé, entre outras atividades, realizados no parque da Cervejaria Weiss.

Outra forma de arrecadação era realizada pela ajuda de outras instituições ou pessoas da sociedade como nota-se no objetivo da apresentação do Grande Circo Zoológico Francez no velódromo da cidade com a arrecadação destinada à Sociedade. (O PHAROL, 19/07/1900, p.2) ou uma doação anônima feita por intermédio de Elias Machado, com um donativo de 300\$. (O PHAROL, 05/04/1905, p.1)

Essas associações conforme elucidamos

[...] eram espaços predominantemente masculinos, reservando um espaço mínimo para a participação feminina. Além de um fator histórico-cultural de exclusão das mulheres de certos ambientes, determinando as funções e os espaços masculinos e femininos na sociedade. Elas eram responsáveis pela organização de bailes, quermesses e peças teatrais e,

em alguns casos, formava-se até uma diretoria feminina encarregada somente das recreações. (GASPARETTO JUNIOR, 2014, p.141)

A importância do evento organizado por sócias no parque da Cervejaria José Weiss extrapolou os espaços da Sociedade de Beneficência e trouxe, através das palavras de Afrisia Breves, uma abertura naquele momento para o valor que deveria ser dado ao trabalho da mulher.

Não podia ser melhor inspirada a directoria do humanitario gremio, dirigindo tão criterioso appello aos sentimentos femininos, sempre promptos ao amparo das idéas nobres e generosas, sempre dispostas à pratica do bem, sempre solicitos e sempre meigos em todas as suas manifestações. (...) Trata a sociedade de realizar no dia 22 de julho próximo vindouro uma festa toda moderna, como se vê pelo bem organizado, programma, desejando que o TRABALHO DA MULHER OCCUPE LOGAR SALIENTE. Contando para isso que as senhoras de Juiz de Fora concorram com seus trabalhos de crivos, bordados, crochet, flores artificiais e outros, e, sendo para nós, muito honroso o desejo da sociedade, não devemos vacilar, mas resolutamente concorrermos ao mimoso certaiame com nossos modestos trabalhos. (...) Concito as senhoras desta boa teraa, a procederem do mesmo modo; pois commetteremos um crime imperdoável si nos mostrarmos indiferentes à homenagem que nos que esportaneamente prestar a directoria da Sociedade B.B. Allemã. (...) O que é preciso é que o povo, este nosso bem povo, não se mostre indiffernte e frio. (O PHAROL, 26/06/1906, p.2)
Devemos provar que temos habilidades e possuímos sentimentos caridosos.(O PHAROL, 10/07/1906, p.1)



Após a realização de diversos eventos e doações, a Sociedade obteve sua sede própria na Rua Bernardo Marcarenhas com inauguração realizada no dia 25 de abril de 1909, contando com a presença de “muitas pessoas gradas” e diversas comissões que representavam as seguintes sociedades: Sociedade Alemã de Beneficência, Centro das Classes Operárias, Associação Typografica B. Mineira e representantes da imprensa.

A construção da sede social recebeu a ajuda de Francisco Valladares, então advogado conceituado da cidade, e contou com os trabalhos dos construtores Pantaleoni Arcuri & Spinelli. (O PHAROL, 27/04/1909). Nota-se que havia um relacionamento cordial entre as duas mutuais alemãs, pois em diversos eventos, tanto da própria sociedade quanto de outras da cidade, as mesmas se faziam representar.

Segue imagem da sede social fundada em 25 de abril de 1909, com pedra fundamental assentada em 3 de janeiro de 1909. Era uma construção opulenta, que se destacava de outras na cidade, com destaque para o desenho nos portões de ferro que trazia as iniciais do nome da Sociedade.

Figura 4. Sede social da Sociedade de Beneficência Brasileira-Alemã

Fonte: ESTEVES; LAGE, 1915

Nesse mesmo espaço, além das reuniões, era disponibilizada aos sócios uma biblioteca com livros adquiridos pela própria sociedade ou até mesmo doados pelos associados ou pessoas da sociedade juizfornana. Era uma preocupação com a instrução de seus associados e a diretoria agradecia aos doadores em diversas notícias encontradas no *Jornal do Commercio*. Esse apreço pela manutenção da biblioteca foi anterior à construção de sua sede própria, pois já no ano de 1900 identificamos a existência da mesma neste jornal.

Figurar nas sociedades como sócios honorários e benfeitores trazia para quem recebia essa homenagem prestígio social. Era um reconhecimento das sociedades pelos trabalhos que foram dispendidos em favor do crescimento e da manutenção das mesmas. Além de reconhecimento entre os associados como forma de afirmar mais esta distinção interna, foram colocados dois retratos no salão social da Sociedade de Beneficência: Pedro Scoralick, um dos fundadores, e em 28 de janeiro de 1912 do associado Francisco Valadares, um dos principais responsáveis pela construção da sede que foi recebido com honras no evento com a presença de outras associações representadas pela Sociedade Alemã de Beneficência, Culto Católico, Sociedade Beneficente de Juiz de Fora e Loja Maçonica Caridade e Firmeza.

O acto revestiu-se de muita solemnidade, a elle comparecendo grande número de exmas.familias, cavalheiros e quase todos os membros da Sociedade. As 8 e meia da noite chegava de carro, o dr. Francisco Valladares, que ao penetrar no recinto foi coberto de flores e recebido com entrepitosas aclamações. (O PHAROL, 30/01/1912, p.1)

Assim como aconteceu com a Sociedade Alemã de Beneficência que mudou seu nome devido às guerras, a Sociedade de Beneficência Brasileira-Alemã abstraiu a palavra alemã que fazia referência à nacionalidade e à descendência de parte dos associados, passando a denominar-se apenas Sociedade Brasileira de Beneficência.

Na década de 1950, a maioria das mutuais que ainda não haviam se dissolvido iria se converter em ambientes de lazer e cultura, mas no caso das mutuais de origem alemã de Juiz de Fora esse fato não ocorreu. A sociedade estava em plena atividade no ano de 1956 quando foram aprovados novos estatutos em Assembléia Geral Extraordinária. De acordo com Gasparetto Junior (2014), sua dissolução aconteceu na década de 50, mas acreditamos que suas atividades tenham perdurado até a década de 1960.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho percorreu caminhos que levaram ao diálogo com as mais diversas fontes. Muitas indagações e questões foram levantadas, algumas das quais puderam ser respondidas, enquanto outras não encontraram resolução. Pelo fato de se configurar como um dos poucos estudos a tratar do associativismo alemão e teuto-brasileiro em Juiz de Fora/MG, foram encontradas algumas dificuldades no decorrer da pesquisa, entre elas a escassez de documentação. Entretanto, tal questão não chegou a prejudicar a análise.

Concordamos com Antonio Gasparetto Junior (2014) quando afirma que em relação

[...] às mutuais de imigrantes, suas práticas eram, em geral, muito semelhantes às outras categorias mutualistas. Ressalta-se, contudo, o valor que o fator identidade possuía nessas instituições. Além de amparar trabalhadores, reuniam indivíduos que estavam muito distantes da terra natal, criando pequenos espaços de representação de suas respectivas nações em terras brasileiras. (p.169)

As mutuais alemãs em Juiz de Fora se notabilizaram no contexto urbano através de suas diversificadas expressões e atividades, como é o caso das práticas de diversão realizadas em diversas cervejarias de imigrantes alemães e teuto-brasileiros nas décadas finais do século XIX e início do século XX. Citamos quermesses realizadas pela Sociedade Beneficente Brasileira-Alemã na Cervejaria José Weiss (O PHAROL, 17/10/1911) e outra pela Sociedade de Beneficência Alemã na Cervejaria Borboleta. (JORNAL DO COMMERCIO, 27/06/1897, p.1) além da festa na Cervejaria Stiebler (O PHAROL, 24/04/1904).

A Sociedade de Beneficência Alemã e a Sociedade de Beneficência Brasileira-Alemã tiveram um importante papel na seguridade de seus associados sejam eles de origem alemã ou não. Geridas pelos próprios associados foram espaços de reforço da identidade mas para além disso, proporcionaram a seguridade a seus associados buscando receita através de diferentes formas, num esforço de manter a cultura associativa.

REFERÊNCIAS

BATALHA, Claudio Henrique de Moraes. Cultura Associativa no Rio de Janeiro da Primeira República. In: BATALHA, Claudio Henrique de Moraes; SILVA, Fernando Teixeira; FORTES, Alexandre. (Orgs.). **Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado**. Campinas: UNICAMP, 2005.

DIEGUES JUNIOR, Manoel. **Imigração, Urbanização, Industrialização**. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1964.

ESTEVES, Albino. LAGE, Oscar Vidal Barbosa. **Álbum do Município de Juiz de Fora**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1915.

FURLANETTO, Patricia Gomes. **O Associativismo como Estratégia de Inserção Social: as práticas sócio-culturais do mutualismo imigrante italiano em Ribeirão Preto (1895-1920)**. Tese (Doutorado em História Social)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

GASPARETTO JUNIOR, Antonio. Mutualismo Alemão em Juiz de Fora: o reforço da identidade em perspectiva. In: **Revista de Artes e Humanidades, n.8 maio-out, 2011**. Disponível em: <http://revistacontemporaneos.com.br/n8/dossie/mutualismo%20alemao.pdf> Acesso em : 2 jan. 2021.

GASPARETTO JUNIOR, Antonio. **Direitos Sociais em Perspectiva: Seguridade, Sociabilidade e Identidade nas Mutuais de Imigrantes em Juiz de Fora (1872-1930)**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014.

JESUS, Ronaldo Pereira. Associativismo no Brasil do Século XIX: repertório crítico dos registros de sociedades no Conselho de Estado(1860-1889). In: **Locus-Revista de História**. Juiz de Fora, v. 13, n. 1, p. 144-170, 2007.

KAPPEL, Oscar. **Comunidade Evangélica de Confissão Luterana em Juiz de Fora- 140 anos de história**. Juiz de Fora: Editar, 2002.

LISBOA, Jakeline Duque de Moraes Lisboa. **Turnerschaft: Clube Ginástico de Juiz de Fora (1909-1979)**. Dissertação (Mestrado em Educação Física)- Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

LISBOA, Jakeline Duque de Moraes Lisboa. **O divertimento nos espaços associativos de imigrantes alemães e teuto-brasileiros em Juiz de Fora - MG: do último quartel do séc. XIX ao fim da II Guerra Mundial**. 2017. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Estudos do Lazer)- Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

LUCA, Tania. Regina. **O Sonho do Futuro Assegurado**. São Paulo: Contexto Brasília, 1990.

MASSENA, João. **Movimento associativo de Juiz de Fora**, 1901.

NOMELINI, Paula Christina Bin. **Associações operárias mutualistas e recreativas em campinas (1906-1930)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2007.

OLIVEIRA, Luis Eduardo. **Os Trabalhadores e a Cidade: a formação do proletariado de Juiz de Fora e suas lutas por direitos (1877-1920)**. Juiz de Fora: FUNALFA; Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

OLIVEIRA, Monica Ribeiro. **Imigração e Industrialização: os alemães e os italianos em Juiz de Fora (1854-1929)**. Dissertação (Mestrado em História)- Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1991.

SILVA JUNIOR, Adhemar Lourenço. O mutualismo de fechamento étnico no Rio Grande do Sul (1854-1940). In: **MÉTIS: história & cultura** – v. 4, n. 8, p. 127-157, jul./dez. 2005. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1221> . Acesso em 10 jan. 2021.

STEHLING, Luis José. **Juiz de Fora, a Companhia União e Indústria e os Alemães**. Juiz de Fora: FUNALFA edições, 1979.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. O cotidiano dos portugueses de Juiz de Fora (1840-1940). In: BORGES, Célia Maia (Org.). **Solidariedades e Conflitos: História de vida e trajetória de grupos em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: EDUFJF, 2000.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro; GASPARETTO JÚNIOR, Antonio. O Mutualismo em Juiz de Fora: as experiências da Associação Beneficente dos Irmãos Artistas. In: VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro; OLIVEIRA, Mônica Ribeiro. (Orgs). **À Margem do Caminho Novo**.. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

JORNAIS

ARQUIVO DO SETOR DE MEMÓRIA DA BIBLIOTECA MUNICIPAL MURILO MENDES

JORNAL DO COMMERCIO, 27/06/1897

JORNAL DO COMMERCIO, 22/12/1897

JORNAL DO COMMERCIO, 12/06/1898;

JORNAL DO COMMERCIO, 24/05/1932

ARQUIVO DA BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. Disponível: <http://bndigital.bn.br/acervodigital>

O PHAROL, 14/07/1883.

O PHAROL, 21/01/1886;

O PHAROL, 13/05/1887

O PHAROL , 13/03/1888
O PHAROL , 04/05/1888
O PHAROL , 29/06/1888
O PHAROL , 22/11/1893
O PHAROL , 11/07/1894
O PHAROL , 19/07/1900
O PHAROL , 23/12/1900
O PHAROL , 13/12/1901
O PHAROL , 24/04/1904
O PHAROL , 05/04/1905
O PHAROL , 26/06/1906
O PHAROL , 10/07/1906
O PHAROL , 04/10/1906
O PHAROL , 25/10/1906
O PHAROL , 26/01/1907
O PHAROL , 19/11/1907
O PHAROL , 01/01/1908
O PHAROL , 27/04/1909
O PHAROL , 22/07/1909
O PHAROL , 11/09/1911
O PHAROL , 17/10/1911
O PHAROL , 30/01/1912
O PHAROL , 28/01/1914
O PHAROL , 13/04/1917
O PHAROL , 25/05/1922
O PHAROL , 31/05/1902

DOCUMENTOS

Estatuto da Sociedade Alemã de Beneficência, 1942

Estatuto da Sociedade de Beneficência Brasileira-Alemã, 1895

Jubileu dos 60 anos de fundação da DeutscherKranken-Unterstützungs-Verein

RECEBIDO EM: 25/01/2021
PARECER DADO EM: 16/04/2021